

O sagrado como acessibilidade e discernimento: Invisibilidade e Interpretabilidade aos olhos da cultura dos povos de Timór Lorosa'e

A minha investigação actual recebeu o título de "*O sagrado como acessibilidade e discernimento: Invisibilidade e Interpretabilidade aos olhos da cultura dos povos de Timór Lorosa'e*", e partindo do livro "*Invisibilidade da Pintura: uma história de Giotto a Bruce Nauman*", do autor, artista, crítico de arte e Professor com Agregação na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa – FBAUL, Dr. Carlos Vidal Tenes de Oliveira Caseiro (1964), "observo" as obras de arte citadas por Carlos Vidal em "*Invisibilidade da Pintura*" perante os artefactos culturais dos povos de *Timór Lorosa'e*, pertencentes à colecção da Fundação Oriente.

Desse modo, procuro atravessar os conceitos Invisibilidade e Interpretabilidade para fundamentar o método de "observação" que defino como *algoritmo da invisibilidade*. O que pretendo é viabilizar a integração do "fazer"-expressivo que advém dos estudos da antropologia cultural à "*arte como procedimento da verdade*" (Badiou, 1998). Investigando assim através de existências-manifestas que se realizam "*in-between*" a cultura ocidental e os artefactos culturais de *Timór Lorosa'e* – considerados "primitivos" e ou etno-antropológicos – para "observados" transdisciplinarmente através do método informático que desenvolvi, colher dados formais às obras de arte envolvidas para aproximando-as do "olhar", buscar por convergências identificáveis que, enquanto estruturas-axiológicas e continuação dos acontecimentos (Badiou, 1988) culturais, caracterizam as expressões-artísticas em ambas as culturas como culturalidade e, consoante ao que se forma como conteúdo nessa pesquisa, realizar o nosso objectivo material: a apresentação de um método inovador que "utilizando" os conceitos Invisibilidade e Interpretabilidade, rompem com a tradição ocular, oferecendo uma ferramenta que transpor os limites ideológicos dos campos do saber (Bourdieu, 1976).

Desse modo, partindo das interacções-linguístico-topológicas "observadas" através do *algoritmo da invisibilidade*, caracterizamos as estruturas de integração social através das obras de arte em ambos os contextos culturais, levantando questões inestéticas (Badiou, 1988) através das expressões materiais oriundas das formações culturais circunscritas às tradições sociais respectivas, realizando, desse modo, a narração topológica das "observações" que, através de relações [objecto x objecto], capítulo após capítulo, enfatizam aspectos da nossa procura segundo relações de alteridade (Buber, 1923).

Para tanto, partimos das ontofenomenologias existentes atravessadas às ontofilogenias inerentes, para viabilizar, como integração epistemológica, o que provindo das formações materiais em ambas as culturas e a partir do que chamamos arte, edificamos como conhecimento que se confronta "*in-between*" questões pertinentes aos conceitos de cultura e civilização.

E ao colocar tais conceitos em oposição para os distinguir, **na medida em que o primeiro é repositório das criações do espírito e o segundo decorre de uma especialização que, em grau maior ou menor, define na matéria os atributos** do primeiro (Cinatti, 1996), viabilizamos qualificar em ambas as culturas o que, a partir do *medium* (ou dos *mediuns*), ao atravessar os conceitos vidalinos, nomeadamente Invisualidade e Interpretabilidade, e através das *interacções-linguísticas*, coloca-nos como **almas diante do ser histórico e através dos artefactos, ou do sistema por eles condicionado, enquadrando questões da arte como condições independentes da civilização**, realizando **no encontro circunstancial das culturas, os desenvolvimentos específicos** (Cinatti, 1996) dessa pesquisa.

Portanto, com essa pesquisa identificamos aquilo que edificamos como "valor" que, não podendo ser enquadrado numa categoria epistemológica, "observamos" como pertença ao campo (Bourdieu, 1976) das axiologias, contudo, também como factor constitutivo segundo o qual definimos o conhecimento, como o que decorre como condição para alcançar a verdade (Badiou, 1998), e propomos como caminho aquilo que, segundo o que nos ocorre em conformidade à Invisualidade e à Interpretabilidade inerentes, fazemos como arte.